



XI Congresso Português de Sociologia
*Identidades ao rubro: diferenças, pertenças e
populismos num mundo efervescente*
Lisboa, 29 a 31 de março de 2021

**Secção/Área temática:
Sociologia do Desporto**

Análise sociológica das artes marciais e desportos de combate em Portugal

ROSA, Vítor, Department of Sport Sciences, University of Beira Interior, Covilhã, Portugal, Research Center in Sports Sciences, Health Sciences and Human Development, CIDESD, Vila Real, Portugal, vitor.rosa@ulusofona.pt

FERRAZ, Ricardo, Department of Sport Sciences, University of Beira Interior, Covilhã, Portugal, Research Center in Sports Sciences, Health Sciences and Human Development, CIDESD, Vila Real, Portugal

Resumo

Procuramos analisar, sociologicamente, se as características socioculturais dos praticantes de dois desportos de combate determinam as relações e afinidades na prática das modalidades em apreço, ainda que a tradição familiar, as oportunidades de carreira, a visibilidade e o reconhecimento social demarcam a escolha entre elas e o tipo de envolvimento na prática desportiva. O objeto empírico foram os treinadores de duas modalidades (aikido e judo), na época desportiva 2018/2019. O nosso universo de estudo foi de 60 praticantes avançados, a nível nacional. Recorreu-se à metodologia extensiva e à aplicação de diversas técnicas de investigação social: observação direta, observação-participante, entrevista semi-diretiva e inquérito por questionário. Foram definidas três hipóteses teóricas, que foram objeto de análise e discussão de modo a averiguar da sua veracidade. Definimos um Modelo de Análise Desagregado (MAD), alicerçado em quatro dimensões. Para cada uma delas, foram definidas(os) variáveis e indicadores, capazes de as(os) tornar observáveis. Os resultados apontam para uma diferença sociocultural dos praticantes, nas oportunidades de carreira, na visibilidade e no reconhecimento social.

Palavras-chave: Sociologia; Artes Marciais; Desporto de Combate

Introdução

Depois da sua introdução no Ocidente, as práticas de combate asiáticas, popularizadas e depois mediatizadas, não pararam de suscitar interrogações quanto às razões do sucesso da sua implantação e difusão (Braunstein, 1999, 2001; Cynarski & Obodynski, 2007, 2011; Cynarski, 2018; Figueiredo, 2006; García, 2018; Jennings, 2020; Mennesson e Clément, 2010; Nitobé, 1927; Rosa, 2017, 2020).

Como explicar o seu sucesso a partir dos anos 1970 na Europa? Uma parte da resposta encontramos-la em Braunstein (1999): a criação de clubes deve-se à desestruturação familiar, sobretudo com as separações e divórcios, dando origem a um individualismo. Os clubes criam um quadro familiar. Outra resposta: é a mediatização das artes marciais através da difusão de filmes, colocando em cena personagens históricas (Bruce Lee, Chuck Norris, Steven Seagal, Jean-Claude Van Damme, etc.). Os meios de comunicação social contribuíram amplamente para muitos praticantes fazerem uma viagem real entre dois imaginários, Oriente e Ocidente. A influência das técnicas de combate asiáticas é tão grande que basta constatar que elas substituíram os métodos de combate nacionais da polícia, militar ou mesmo no desporto.

Neste artigo, pretendemos dar conhecer a realidade portuguesa, ainda que de uma forma exploratória, abordando duas práticas desportivas de origem oriental: o judo (modalidade olímpica) e o aikido (modalidade não olímpica). A nossa pergunta de partida é a seguinte: será que o perfil social, definido pela categoria socioprofissional e o estatuto sociocultural, dos treinadores de judo e aikido, determinam as escolhas e a intensidade destas práticas desportivas?

Recorremos a várias técnicas de investigação social: observação participante, entrevistas semi-diretivas (n=6) e inquérito por questionário (n=60). A observação participante teve lugar nos Clubes de Aikido e de Judo de Évora, no Judo Clube de Lisboa e no centro de prática de Almada, pertencente à Associação Shotokai de Portugal. As entrevistas semi-diretivas e a aplicação do inquérito por questionário decorreram a nível nacional.

No aprofundamento do nosso objeto de estudo, delimitámos o objeto empírico aos praticantes avançados (treinadores) de aikido e de judo em Portugal nas épocas desportivas 2018/2020. Foram definidas três hipóteses teóricas a serem objeto de análise e discussão de modo a averiguar da sua veracidade. Este estudo é exploratório

e a amostra de praticantes não é representativa, pelo que os resultados deverão ser lidos com precaução.

1. Delimitação da problemática em estudo

Os desportos de combate, pela diversidade das suas origens, a diversidade de especialidades e pela diferenciação dos seus usos sociais (desporto, segurança, etc.), ocupam um espaço importante no sistema das práticas desportivas codificadas. No âmbito destas práticas, o aikido e o judo conheceram uma grande expansão em Portugal, tanto a nível nacional como internacional, daí a nossa escolha para a realização deste estudo de caso. A determinação dos “usos sociais” (Boltanski, 1971, 1979) leva a que eles ocupem um lugar diferente no sistema de práticas desportivas codificadas, elaboradas por Pociello (1981, 1995a, 1995b).

Enquanto “técnicas do corpo” (Mauss, 1936), o aikido e o judo podem ser definidos pelo combate de mãos vazias, o que os(as) distingue dos desportos de percussão, nos quais os golpes são feitos, controlados ou simulados (boxe, karaté, taekwondo, etc.). O contato corporal, se bem que revestindo formas diferentes, é direto e o domínio e o controle do adversário passam necessariamente pela apreensão e a manipulação deste, o que permite comparações pertinentes sobre o plano técnico. No entanto, eles diferenciam-se, claramente, ao nível da estrutura socioprofissional e do recrutamento dos seus praticantes.

Na perspectiva de Clément (1995, 2001), tudo leva a crer que a origem social e o estatuto socioprofissional dos “agentes sociais”, para utilizarmos uma expressão de Bourdieu (1979), determinam a escolha de uma modalidade desportiva particular. O custo das atividades (a variável económica) não pode ser considerado como a única variável discriminatória para a prática desportiva (Andreff, 1981, 2002, 2012). O investimento destas práticas pelos grupos sociais não parece, assim, ser obra do acaso (Cynarski & Obodynski, 2007, 2011; Cynarski, 2018). Como referem Faure e Suaud (2015, p. 17), “codificados coletivamente e presos nos dispositivos institucionais, os desportos são escolhidos e apropriados pelos indivíduos socialmente situados”.

Desta forma, é importante saber como e porquê esta seleção se opera em Portugal. Esta questão é tanto ou mais importante na medida em que “existe uma pluriatividade e o ‘zapping desportivo’, que não cessa de ganhar terreno com o objetivo de colmatar o aborrecimento, variar os horizontes e os prazeres” (Lipovetsky, 2006, p. 252).

A nossa pergunta de partida é a seguinte: será que o perfil social, definido pela categoria socioprofissional e o estatuto sociocultural, dos treinadores de judo e aikido, determinam as escolhas e a intensidade destas práticas desportivas? Na nossa perspetiva, a prática corporal codificada e identificável não pode ser apreendida como um “objeto técnico”, que se poderia identificar com a “lógica interna”, conceito utilizado para designar a pertinência motriz das atividades físicas e desportivas, evocado por Parlebas (1976, 1986b, 1991, 1999). Neste sentido, “a lógica interna dos combates é uma lógica de destruição, real ou simbólica, do corpo do adversário” (Parlebas, 1986a, p. 172).

No aprofundamento do nosso objeto de estudo, delimitámos o objeto empírico aos praticantes avançados de aikido e de judo a nível nacional, que exercem cumulativamente a função de treinadores.

2. Proposta de investigação e modelo de análise

Foram definidas três hipóteses teóricas a serem objeto de análise e discussão de modo a averiguar da sua veracidade. Como primeira hipótese, partimos do pressuposto de que existe uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate, embora se encontrem diferenças de hábitos e valores. Na segunda hipótese, considerámos que existe uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Como terceira e última hipótese, considerámos que há uma diferenciação ao nível dos envoltivos, nomeadamente do tipo de prática/conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa segundo o perfil social e os desportos em análise.

Na operacionalização das hipóteses definimos um Modelo de Análise Desagregado (MAD), alicerçado na relação de um conjunto alargado de variáveis e indicadores capazes de as tornar observáveis (Rosa, 2017). Foram definidas quatro dimensões: 1) Disposições sociais para com as AM&DC; 2) Envolvimento nas AM&DC; 3) Valores, hábitos e gostos; 4) Características sociodemográficas dos praticantes. Para cada uma das dimensões, definiram-se variáveis e indicadores (Rosa, 2020). Na análise estatística, recorreremos à análise de frequências e ao teste do qui-quadrado.

Para esta investigação, recorreremos a dois tipos de observação: direta e indireta. A observação direta é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha

das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela-se diretamente ao sentido de observação e de indicadores pertinentes previstos (decoração dos centros de prática, interação dos praticantes, regularidade dos treinos, entre outros aspetos). Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Procurámos, assim, observar os espaços, os treinos, os rituais e cerimónias, os comportamentos dos atores sociais (praticantes), etc.

Uma variante da observação direta é a participante de tipo etnológico. Consiste em estudar uma comunidade durante um período de tempo, participando na vida coletiva (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 197). A observação indireta foi através da entrevista semi-diretiva e do inquérito por questionário. Um e outro tiveram como função produzir ou registar as informações requeridas pelas hipóteses e prescritas pelos indicadores. Realizámos seis entrevistas semi-diretivas a praticantes, com a função de treinadores, de aikido e judo, contribuindo para descobrir os aspetos em consideração e alargar ou retificar o campo de investigação. Os entrevistados exprimiram-se de forma muito livre e flexível acerca dos temas sugeridos por um número restrito de perguntas relativamente amplas. Com base nas entrevistas, preparámos um inquérito por questionário, tendo sido aplicado aos praticantes avançados das duas práticas desportivas. O inquérito teve também em consideração outros estudos a nível nacional e internacional (Clément, 1995; Rosa, 2017; Cynarski & Obodyski, 2007, 2011; Cynarski, 2018). Foram realizados 60 inquéritos (30 a praticantes de aikido e 30 a praticantes de judo). Os dados não podem ser extrapolados, pois trata-se de uma amostra não representativa, ainda assim de aproximação à realidade. Deste modo, pretendemos aprofundar a comparação entre a realidade em estudo nos dois desportos selecionados. Neste estudo, circunscrevemos o nosso campo de análise empírica aos praticantes/treinadores de aikido e de judo, a nível nacional, durante as épocas desportivas 2018/2020.

3. Caraterísticas dos inquiridos: perfil e práticas

Conseguimos o preenchimento de 60 questionários a nível nacional, de indivíduos de ambos os sexos (54 homens e 6 mulheres), dos 22 anos aos 75 anos de idade, de 14 distritos e 1 Região Autónoma (a Madeira), integrados em 35 clubes e 22 associações. Relativamente à repartição dos inquiridos por sexos, verifica-se que os homens são mais numerosos (90%, n=54) do que as mulheres (10%, n=6). Quer os homens quer as

mulheres praticantes de judo e aikido da nossa amostra encontram-se repartidos de forma homogénea.

A análise da distribuição por idades permite constatar que se trata de um conjunto de treinadores maioritariamente jovens e de meia idade. Com efeito, 38,3% (n=22) dos inquiridos tem idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos, 60% (n=36) entre os 36 e os 65 anos e 1,7% (n=1) têm 66 e mais anos. A média aritmética de idades situa-se nos 40,4 anos, sendo a idade que ocorre com maior frequência (moda) a de 29 anos. O valor que acumula até si 50% das observações (mediana) diz-nos que, nesta distribuição, metade dos inquiridos têm no máximo 40 anos de idade.

Pela análise de frequências relativas às habilitações literárias, constatamos elevados “capitais escolares”, na aceção de Bourdieu (1979), por parte dos inquiridos, independentemente do sexo. Verifica-se que 75,0% (n=45) completaram uma formação de nível médio (bacharelato) ou superior (licenciatura, mestrado ou doutoramento), 21,7% (n=13) o ensino secundário ou profissional e 3,3% (n=2) o ensino de 1.º, 2.º e 3.º ciclos. O nível de ensino modal, que concluíram, é a licenciatura. De notar que não se verificaram inquiridos com o grau de doutoramento ou apenas o 1.º Ciclo (Escola Primária). A questão dos percursos sociais e escolares, com os modos de entrada na prática desportiva e a apropriação dos gestos no aikido e judo, é importante. De fato, podemos pensar que estas modalidades desportivas, codificadas, e praticadas exclusivamente sob o enquadramento federativo, podem atrair um público relativamente selecionado, comparativamente a outras modalidades, como o futebol, cuja primeira iniciação se faz muitas vezes por pares, sem controle institucional, mas analisaremos esta questão mais à frente neste trabalho quando discutirmos as nossas hipóteses de estudo. Se compararmos as habilitações literárias por prática desportiva, constatamos que são os praticantes de aikido (70%, n=21) que têm um nível mais elevado (licenciatura) do que os do judo (46,7%, n=14). Ao nível do grau de mestrado são os do judo (13,3%, n=4).

Sobre a conjugalidade dos inquiridos, 28 são casados (46,7%), 15 vivem em união de fato (25,0%), 14 são solteiros (23,3%), 3 separadas ou divorciadas (5,0%). Não se encontraram casos de viuvez entre os inquiridos.

Quando questionados que idade tinham quando começaram a praticar do aikido e judo, surge uma enorme dispersão de idades, que vão desde os 6 aos 37 anos, numa média de 17 anos. A idade que ocorre com maior frequência (moda) na distribuição é a de 18 anos. O ponto médio da distribuição de valores (mediana) revela que metade

dos inquiridos começou a praticar aos 17 anos. No caso dos homens, é de 17 anos e nas mulheres é de 16 anos. De acordo com a prática desportiva, e segundo a média aritmética, o início da prática do aikido faz-se aos 20 anos e no judo aos 14 anos de idade. Não conseguimos averiguar se existe uma experimentação no judo e depois passa-se mais tarde para a descoberta do aikido.

Sobre a interrupção da prática desportiva de predileção (aikido ou judo), a maioria dos inquiridos respondeu que não (55,0%, n=33). Ainda, assim, uma elevada percentagem de praticantes respondeu que sim (45,0%, n=27). Por diversas razões, é frequente assistir-se a “abandonos” e a “regressos” na prática do aikido e judo. Sobre os motivos dessa interrupção, dos 27 inquiridos que responderam sim, constatamos que as questões profissionais surgem em primeiro lugar, com 33,3% (n=9), seguidos dos motivos escolares, com 22,2% (n=6), e, em terceiro lugar, surgem os motivos de saúde (18,5%, n=5). Na distribuição pelas práticas desportivas, verifica-se a mesma percentagem para o aikido e judo (33,3%), mas são os praticantes de judo que interrompem mais por motivos escolares do que os de aikido. Os praticantes de aikido interrompem mais a sua prática desportiva por motivos familiares (20%, n=3) do que os do judo (8,3%, n=1) e por motivos de saúde (26,7%, n=4) contra 8,3% (n=1) do judo.

Nesta investigação, 55% (n=33) dos praticantes exercem uma ou mais atividades profissionais relacionadas com o aikido ou o judo, auferindo, por via dela, uma remuneração. A principal atividade é a de treinador/monitor, que é o que é exigido pelas respetivas Federações. Não encontramos grandes diferenças entre as práticas desportivas. No judo foram 18 casos e no aikido 15 casos.

O inquérito revela que 93% (n=56) são detentores da cédula de treinador, contra 7% (n=7). Segundo o enquadramento legal da formação de treinadores, é reconhecida a possibilidade de obtenção desta cédula através de uma habilitação académica de nível superior na área das ciências do desporto. Na distribuição segundo a prática desportiva, constata-se que os treinadores de judo têm o maior número de cédula de treinadores (53,3%, n=30) do que os do aikido (40%, n=26). Os níveis de certificação encontrados na nossa amostra são: de nível I (65%, n=39), de II (31,7%, n=19) e de III (3,3%, n=2). Todos os praticantes de judo manifestaram ter esta certificação.

4. Comunidades e Estilos Identitários

Como primeira hipótese de investigação, partimos do pressuposto de que existe uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate em análise (aikido e judo), embora se encontrem diferenças de hábitos e valores. Mobilizaram-se algumas variáveis e indicadores: alimentação, saúde e bem-estar, influência ao nível alimentar, concordância perante a despenalização de uso de drogas e recurso a produtos dopantes, hábitos e gostos de leitura. Algumas variáveis foram cruzadas com o género, idade e escolaridade, recorrendo ao qui-quadrado.

Turner (1994) e Wacquant (2000) referem que o corpo do atleta requer disciplina, vigilância e regulação. Essa disciplina e vigilância passa por um cuidado relativamente ao que se come e ao que se bebe. Porém, os inquiridos da nossa amostra afirmam na sua esmagadora maioria (67%, n=40), que a prática do aikido ou do judo não influencia ao nível das práticas alimentares, embora 33% (n=20) tenham afirmado que sim. Na tabela seguinte encontra-se uma repartição pelas duas práticas desportivas (cf. Tabela 1). Salienta-se que a maioria dos inquiridos responde que influência na alimentação vegetariana (42,9%, n=9), seguida do controle de peso (23,8%, n=5). São os praticantes de judo que manifestam esta maior influência na alimentação.

Tabela 1: Influência ao nível alimentar segundo a prática desportiva (%)

Influência na alimentação	Prática desportiva				Total	%
	Aikido	%	Judo	%		
Alimentação vegetariana	3	75,0	6	35,3	9	42,9
Alimentação macrobiótica	1	25,0			1	4,8
Melhorar/racionalizar a alimentação			4	23,5	4	19,0
Controle do peso			5	29,4	5	23,8
Alimentação paleolítica			1	5,9	1	4,8
Alimentos sem glúten e açúcar			1	5,9	1	4,8
Total	4	100,0	17	100,0	21	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Na análise sobre a concordância relativamente à despenalização de uso de drogas, a maioria dos inquiridos respondeu que não (88%, n=53) face à anuência (12%, n=7). Relativamente à questão se já recorreram a produtos para melhorar a performance, a totalidade dos inquiridos (n=60) respondeu que não. São os praticantes de judo que concordam com a despenalização do uso de drogas (20%, n=6), face aos do aikido (3,3%, n=1). Na análise sobre as diferenças de género, realiza-se que os homens concordam mais com a despenalização do uso de drogas leves (13%). As mulheres não concordam de todo com essa despenalização. No cruzamento de variáveis, despenalização do uso de drogas e idade, o teste do qui-quadrado apurado foi de $\chi^2=36,06$; d.f.=29; $p=0,172$, o que revela não existir associação entre as variáveis. Relativamente à escolaridade, o resultado revela também que não existe associação ($\chi^2=4,025$; d.f.=5; $p=0,546$).

Sobre as preferências de leitura, os inquiridos preferem ler romances (1.^a preferência), obras científicas (2.^a preferência) e obras técnicas e tecnológicas (3.^a preferência) (cf. Tabela 2).

Tabela 2: Ordem de preferência de géneros de obras que preferem ler (%)

Obras/Livros	1. ^a Preferência (n=60)	2. ^a Preferência (n=60)	3. ^a Preferência (n=60)
Romances	26,7	18,3	11,7
Obras científicas	18,3	23,3	18,3
Obras técnicas e tecnológicas	8,3	15,0	23,3
Romances policiais	16,7	15,0	5,0
Arte e arqueologia	6,7	3,3	15,0
Obras de ciências humanas	11,7	3,3	13,3
Filosofia e poesia		15,0	3,3
Religião e esoterismo	6,7	1,7	
Outras	5,0	1,7	1,7
Banda desenhada			5,0
NS/NR		3,3	3,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Relativamente aos hábitos e periodicidade de leitura, segundo a prática desportiva, constata-se, segundo os dados obtidos, que são muito homogêneos. Ainda, assim, são os praticantes de aikido que manifestam ler menos regularmente (43,3%, n=13) do que os do judo (26,7%, n=8). A maioria dos inquiridos lê de tempos a tempos uma revista ou periódico.

Tendo por base as variáveis e indicadores mobilizados para medir as práticas, atitudes e valores identificadores de um estilo de vida identitário, tanto quando pudéssemos constatar, os dados apontam para a confirmação da hipótese (Rosa, 2020).

5. Prática Desportiva e Apoios do Estado

Considerámos, na segunda hipótese, que existe uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. As variáveis mobilizadas foram o “apoio do estado” e os indicadores foram: visibilidade, reconhecimento e carreira. Alguns excertos das entrevistas foram mobilizados para ajudar na análise dos dados quantitativos. Recorremos à análise estatística, com destaque para as médias e o desvio-padrão.

O Estado, através do Instituto Português do Desporto e da Juventude, apoia o movimento desportivo, através do estabelecimento de contratos-programa com as federações desportivas. Perguntámos aos treinadores sobre os apoios do Estado em matéria de visibilidade das modalidades, reconhecimento social dos praticantes e as condições de acesso à prática (carreira desportiva). Os praticantes da nossa amostra consideram, na generalidade, os apoios muito importantes. No entanto, numa análise mais pormenorizada recolhida através das entrevistas efetuadas, permitem ter uma ideia mais concreta sobre o assunto. Alguns excertos das entrevistas permitem testemunhar sobre a visibilidade, o reconhecimento social dos praticantes e as condições de acesso à prática (cf. Tabela 3).

Tabela 3: Excertos de testemunhos sobre os apoios do Estado

Opinião	Excertos de entrevistas
Opinião dos treinadores relativamente aos apoios do Estado relativamente às suas práticas desportivas (aikido e judo)	<p>Não. São insuficientes, embora não sejam absolutamente necessários...algo contraditório (Treinador de Aikido, 56 anos)</p>
	<p>Apoios eles existem, mas não em quantidade o suficiente, falo pelos treinadores muitos de nós somos trabalhadores por conta de outrem e temos horários a cumprir e só após expediente poderemos lecionar as respetivas aulas. Neste caso um treinador para formar Judocas e cativar mais jovens para prática de desporto, teria que se profissionalizar de modo ter tempo, para lecionar durante tempo útil nas escolas publicas/Privadas, liceus e faculdades em conjunto com a atividade física, como opção desportiva. Começar também a promover ações desportivas (competições) entre escolas para de modo dinamizar a atividade desportiva. Mas em contrapartida todo treinador deveria ser compensado de modo a prosseguir com a sua atividade tranquilamente (como profissional desta atividade judo ou Aikido) (Treinador de Judo, 56 anos)</p>
	<p>Talvez. Haver apoio financeiro para as escolas é também fundamental, pois elas não conseguem sobreviver apenas com as magras contribuições dos alunos e dos sócios. Remunerações adequadas e realistas para os professores também. Sobretudo para aqueles que não têm outro emprego, como creio ser desejável para a tal qualidade do ensino, logo não têm como subsistir. A sociedade feudal que existia no Japão, em que os alunos sustentavam grandemente os seus mestres, já não encontra lugar na sociedade ocidental atual. O reconhecimento social dos praticantes também pode ser promovido pela Federação, naturalmente (Treinador de Aikido, 52 anos).</p>
	<p>Não, nem por isso. Cada vez mais o estado dá menos apoios as modalidades praticadas no nosso país a partir de determinadas idades (15, 16 ou 20 anos). Apenas acho que os miúdos com 15, 16 anos podiam ter mais apoios pelo estado a nível financeiro para realizarem estágios e provas internacionais com mais regularidade. Os atletas a nível escolar deveriam ter mais facilidades para concluir os estudos ou realizar testes ou exames fora de época, e em outras semanas, em prol de treinarem mais a modalidade em questão. O fato de ter mais espaços para a prática da modalidade em questão é não estarem ou não serem tão centralizadas só nos grandes polos (centros urbanos). O estado podia facultar subsídios a um ou mais familiares para acompanhamento do atleta até determinada idade (Treinador de Judo, 32 anos).</p>

Fonte: “Entrevistas realizadas aos treinadores” (2019)

Em suma, com os dados exploratórios disponíveis, não é possível comprovar na totalidade esta nossa hipótese de estudo, ou seja, de que existe uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Esta questão deveria ser aprofundada em futuros estudos, dando-lhe um enfoque maior (Rosa, 2020). De notar que o custo das atividades (a variável económica) não pode ser considerado como a única variável discriminatória para a prática desportiva (Risse, 1991 [1921]; Andreff, 1981, 2002).

6. Conceções da Prática e Envolvimentos

Como terceira e última hipótese, considerámos que há uma diferenciação ao nível dos envolvimentos, nomeadamente do âmbito de prática/conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa segundo o perfil social e os desportos em análise. As variáveis mobilizadas foram: âmbito da prática, regularidade e regime do treino, motivos para a prática, valorização desses mesmos motivos, o envolvimento, a participação em cargos de direção num clube desportivo, relações institucionais, prática desportiva familiar e influência.

Quando questionados sobre qual é a vertente de prática relativamente ao aikido e judo, a maioria dos inquiridos refere que não pratica “competição” (77%, n=46) face a 23% (n=14) que dizem que sim. Na distribuição sobre as práticas desportivas, verifica-se que são os praticantes de judo que mais fazem competição institucionalizada (66,7%, n=16) do que os do aikido (50%, n=13). Esta situação parece-nos normal, até porque o judo é uma modalidade olímpica e o aikido não. O aikido privilegia uma vertente mais de defesa pessoal, com enfoque na espiritualidade e na arte de combate dual.

As diferenças de género apuradas pelos dados do inquérito permitem constatar que são os homens que praticam numa vertente de competição institucionalizada (100%). Nenhuma mulher respondeu fazia competição.

Na regularidade dos treinos de aikido e judo dos inquiridos da nossa amostra, identificámos que: 46,7% (n=19) tem um ritmo de treino de três ou mais vezes por semana; 25% (n=25) treina duas vezes por semana; 23,3% (n=8) afirmou treinar diariamente; 1,7% (n=3) referiu apenas uma vez por semana. Não existem grandes diferenças segundo a prática desportiva e a regularidade de treino.

A tabela seguinte dá-nos conta dos motivos que levaram à prática. Constata-se que surge em primeiro lugar a aprendizagem da “auto-defesa”, seguida da atração derivada dos meios de comunicação social (cf. Tabela 4).

Tabela 4: Motivos para a prática (médias)

Motivos para a prática	Médias
Aprender a auto-defesa	1,967
Atração derivada da imagem projetada pelos medias (cinema, TV, jornais, revistas, web)	2,467
Atração pelos desafios desportivos que os desportos de combate proporcionam	1,900
Atração pelos desportos de combate derivado do interesse pela cultura oriental	1,850
Atração subsequente a assistência de uma demonstração convincente de artes marciais	2,350
Desejo de melhorar a saúde ou o físico através da prática	1,817
Estímulo ou imitação de um familiar que praticava aikido, judo ou outra arte marcial	2,233
Introdução dos desportos de combate no âmbito do currículo escolar	2,883
Introdução ou influência de amigos ou colegas que praticavam um desporto de combate	2,067
Motivos sociais, sociabilidade (para pertencer a um clube, juntar-se a amigos, sair de casa)	2,683
Por questões de desempenho profissional (forças de segurança)	3,117
Recomendação de um médico ou de um psicólogo como forma de terapia	3,117

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Na valorização dos motivos para a prática, encontra-se o desenvolvimento de uma atividade profissional relacionada com a prática desportiva (aikido ou judo) e o bem-estar físico e o bem-estar psicológico (cf. Tabela 5).

Tabela 5: Motivos para a prática (médias)

Valorização dos motivos para a prática	Médias
Atividade profissional relacionada com o aikido ou o judo	0,650
Bem-Estar Físico (e.g. desenvolvimento corporal e motor, manter a forma física, preparação física)	1,167
Bem-Estar Psicológico (e.g. compensação de stresse, distração de preocupações)	1,133
Competição (e.g. envolvimento em torneios ou campeonatos amadores ou profissionais)	2,483
Convívio e Afiliação (e.g. manutenção ou aquisição de amizades, integração num grupo)	1,867
Defesa Pessoal	1,650
Desenvolvimento comportamental e de carácter (e.g. auto-controlo, auto-domínio, controlo de agressividade, etc.)	1,500
Desenvolvimento de uma atividade profissional (e.g. oportunidade proporcionada para ser instrutor, formador, técnico)	2,800
Desenvolvimento mental (e.g. aumento da capacidade de concentração e de capacidade cognitiva)	1,600
Exercício de alguma atividade profissional remunerada relacionada com o aikido ou judo	1,550
Prazer elicitado pela prática de AM&DC (e.g. gozo e fruição proporcionados pela atividade)	2,167
Procura espiritual ou religiosa	3,267

Fonte: Questionário “Estudo Sociológico sobre duas Disciplinas de Combate Dual em Portugal”

Os dados permitem verificar que a maioria dos treinadores (50%, n=30), que se declararam sócios de um clube e/ou associação, exerceu um cargo de direção no seu clube e/ou associação de aikido ou judo. O número dos praticantes treinadores que nunca exerceu um cargo de direção também é elevado em termos percentuais (47%, n=28). Verifica-se que existe uma homogeneidade no exercício de cargos de direção nos clubes e/ou associações no aikido e judo.

Em termos de cruzamento de dados, o exercício de cargo de direção segundo o sexo, averigua-se que são os homens que participam mais (51,9%) face a 33,3% das mulheres. Sobre a idade, o resultado apurado foi de $\chi^2=105,2$; d.f.=58; $p=0,000$, o que revela igualmente não existir associação entre as variáveis. O mesmo se passa para a

escolaridade, o resultado revela de que não existe associação ($\chi^2=9,89$; d.f.=10; $p=0,450$). A média do exercício dos cargos é de 4 anos.

De notar que grande parte dos cargos de direção de clubes e/ou associação de artes marciais e desportos de combate, como para outras modalidades desportivas, é exercida a título de voluntariado. Em Portugal, aliás, como na maior parte dos países da Europa ocidental, é um dos fundamentos essenciais da organização desportiva. Mesmo se “não é evidente as motivações dos dirigentes em se investirem nos postos de responsabilidade” (Thomas, Haumont & Levet, 1987, p. 61), a figura de dirigente desportivo voluntário está omnipresente no seio do movimento desportivo. Quando ele é eleito numa associação desportiva, o dirigente voluntário dispõe de uma certa legitimidade, que pode, nalguns casos, confortar a posição de notável reconhecido.

Nas relações institucionais entre clubes e associações, a maioria dos inquiridos respondeu que os interesses são divergentes, mas sem conflitos abertos (53%, $n=32$), face a 25% ($n=15$) que frisam que os interesses convergentes e de cooperação (25%, $n=15$). Neste “campo de concorrência onde se afrontam agentes com interesses específicos”, como diz Bourdieu (2003, p. 182-183), 22% ($n=13$) dos inquiridos manifestam não saber como são as relações institucionais entre clubes e associações das modalidades desportivas em estudo.

No processo de iniciação de prática desportiva, os pais ou encarregados de educação podem desempenhar um papel socializador importante. Neste sentido, quisemos averiguar se havia alguém na entidade doméstica ou nas relações próximas que praticava aikido ou judo. Das respostas obtidas, verificamos que 64% ($n=38$) responderam sim que praticavam uma das modalidades e 28% ($n=17$) responderam não. 8% ($n=5$) não sabem ou não respondem. Na distribuição percentual das respostas dos que afirmaram sim (18 casos), encontram-se: irmão, irmã, filho, filha, mãe e outros membros. O destaque vai para as irmãs (27,8%, $n=5$), seguido de filho e filha, com 22,2% ($n=4$). São os treinadores de judo que mais familiares têm a praticar a mesma modalidade. No caso do aikido são as mães (50%, $n=3$).

Como complemento de informação, e segundo os dados apurados, de notar ainda que 83,3% ($n=50$) dos inquiridos respondem que o seu pai ou a sua mãe pratica uma modalidade desportiva, contra 16,7% ($n=10$) que responderam que não. No caso dos pais, as modalidades desportivas praticadas são: judo, lutas, ciclismo e futebol. No caso das mães, as escolhas recaem para o voleibol, ginástica e dança.

Face aos resultados obtidos, podemos confirmar a nossa hipótese. Os dados estão em sintonia com outros estudos sobre o karaté (Rosa, 2017), Cynarski & Obodynski (2007, 2011) e Cynarski (2018).

Conclusão

Neste artigo procurámos analisar duas práticas desportivas (judo e aikido). A pergunta de partida que norteou a investigação foi a seguinte: será que o perfil social, definido pela categoria socioprofissional e o estatuto sociocultural, dos treinadores de judo e aikido, determinam as escolhas e a intensidade destas práticas desportivas? Para o efeito, levámos a cabo uma investigação exploratória sobre os praticantes avançados igualmente com funções de treinadores. Entrevistámos alguns desses praticantes e construímos um inquérito por questionário, que foi aplicado nas épocas desportivas 2018/2020. Reunimos 60 questionários preenchidos. Da análise das características dos treinadores de aikido e judo inquiridos, verificou-se que são maioritariamente de meia idade (41-45 anos), casados, com elevadas habilitações literárias (nível licenciatura), residentes nos centros urbanos, com uma regularidade de treino semanal e possuidores de certificação de treinadores.

Esta investigação permite concluir que, nesta amostra, existe uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate “dual” (aikido e judo), para usarmos o termo de Gaudin (2009), mas encontram-se diferenças de hábitos e valores, segundo o sexo, a idade e a escolaridade. A análise da informação aponta para uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade e nas oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Existe uma diferenciação ao nível dos envolvimento, nomeadamente do tipo de prática e/ou conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa, segundo o perfil social. Cremos que se acrescenta um maior conhecimento destas práticas de combate e pode levar a outros estudos, aprofundando outros aspetos, nomeadamente a questão da relação do Estado, federações e clubes e os apoios financeiros. Nesta análise, é preciso ter em conta a multidisciplinaridade, ou os “usos sociais”, como sublinha Boltanski (1971), destas práticas desportivas.

A análise de resultados permitiu comprovar as três hipóteses de trabalho, mas para a segunda cremos que se torna necessário proceder a uma análise mais aprofundada. Esta investigação, comparativa, apresenta algumas limitações relativamente à

representatividade da amostra. No entanto, consideramos que abre uma nova janela por onde outros autores podem vislumbrar novos caminhos de investigação, em particular sobre a análise dos apoios financeiros do Estado no âmbito destas práticas desportivas e a perspetiva dos praticantes.

Referências bibliográficas

- Andreff, W. (1981), “Les inégalités entre disciplines sportives : une approche économique”, in Christian Pociello (1981), *Sports et société : approche socio-culturelle des pratiques*, Paris, Vigot, 139-152.
- Andreff, W. (2002), *Économie du sport*, Paris, PUF.
- Andreff, W. (2012), *Mondialisation économique du sport*, Belgique, De Boeck.
- Boltanski, L. (1971), “Les usages sociaux du corps”, *Annales. Économies, Sociétés, Civilisation*, 26, 1, 205-233.
- Boltanski, L. (1979), “Taxinomies sociales et luttes de classes”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 29(1), 75-106.
- Bourdieu, P. (1979), *La distinction : Critique sociale du jugement*, Paris, Les Editions Minuit.
- Bourdieu, P. (2003), *Questões de sociologia*, Lisboa, Fim de Século (tradução Miguel Pereira).
- Braunstein, F. (1999), *Penser les arts martiaux*, Paris, PUF.
- Braunstein, F. (2001), *Les arts martiaux aujourd’hui : états des lieux*, Paris, L’Harmattan.
- Clément, J. P. (1981), “La force, la souplesse et l’harmonie : étude comparée de trois sports de combat : lutte, judo, aikido”. In Christian Pociello (1981), *Sports et société : approche socio-culturelle des pratiques*. Paris, Vigot, 285-301.
- Clément, J. P. (1995), *Étude comparative de trois disciplines de combat (lutte, judo, aikido) et de leurs usages sociaux*, Thèse de doctorat en Sociologie, Paris, Université Paris 7, UFR Sciences Sociales.
- Clément, J. P. (2001), “Les arts martiaux et la société française : sociologie historique de l’implantation du judo et de l’aikido”, *Daruma*, 8-9, 175-199.
- Cynarski, W. J. (2018). *Current problems of the sociology of martial arts according to the Rzeszow School*. *Arrancada*, 18(4), 315-335.

- Cynarski, W. J., & Obodynski, K. (2007). *Sociology of Far Eastern martial arts – problems and perspectives*. *Archives of Budo*, 3(3), 49-53.
- Cynarski, W. J., & Obodynski, K. (2011). *Sociological reflection on martial arts or sociology of psychophysical self-realization systems*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 11(1), 355-358.
- Faure, J. M. & Suaud, C. (2015), *La raison des sports : sociologie d'une pratique universelle et singulière*, Paris, Éditions Raisons d'Agir.
- Figueiredo, A. (2006), *A institucionalização do karaté: os modelos organizacionais do karaté em Portugal*, Tese de Doutoramento em Ciências do Desporto (policopiada), Cruz Quebrada Faculdade de Motricidade Humana.
- García, R. (2018). *The Historical Sociology of Japanese Martial Arts*, New York and London: Routledge.
- Gaudin, B. (2009), “La codification des pratiques martiales. Une approche sociohistorique“, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 179(4), 4-31.
- Jennings, G. (2020). *Ethnography in martial arts studies*, SAGE Publications Limited.
- Lipovetsky, G. (2006), *Le bonheur paradoxal : essai sur la société d'hyperconsommation*, Paris, Gallimard.
- Mauss, M. (1936), “Les techniques du corps“, in Claude Lévi-Strauss (1950), *Sociologie et anthropologie*, Paris, PUF.
- Mennesson, C. & Clément, J. P. (2010), “Boxer comme un homme, être une femme“, *Actes de la recherche de sciences sociales*, 179, 76-91.
- Nitobé, I. (1927), *Bushido, l'âme du Japon*, Paris, Payot (trad. Charles Jacob).
- Parlebas, P. (1976), *Activités physiques et éducation motrice*, Paris, Éditions de la *Revue E.P.S.*
- Parlebas, P. (1986a), *Activités physiques et éducation motrice*, Paris, Dossiers EPS.
- Parlebas, P. (1986b), *Éléments de sociologie du sport*, Paris, PUF.
- Parlebas, P. (1991), *Didactique et logique interne des APS*, *Revue EPS*, 228, 9-14.
- Pociello, C. (1981), *Sport et société*, Paris, Éditions Vigot.
- Pociello, C. (1995a), *Les cultures sportives*, Paris, PUF.
- Pociello, C. (1995b). *Les cultures corporelles*, Paris, PUF.
- Pociello, C. (1999), *Sports et Sciences : histoire, sociologie et prospective*, Paris, Éditions Vigot.

- Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc ([1992] 2008), *Manuel de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Risse, H. (1991 [1921]), *Sociologie du sport* (trad. *Soziologie des sports*), Rennes, PUR-Revue E.P.S.
- Rosa, V. (2017), *A prática desportiva do karaté em Portugal. Análise sociológica sobre as identidades, ideologias, comunidades e culturas dos karatecas (cintos castanho e negro) portugueses*, Tese de doutoramento (policopiada) em Educação Física e Desporto, Ramo Didática, Lisboa, ULHT.
- Rosa, V. (2020), *Análise sociológica de práticas de combate dual em Portugal: estudo de caso dos praticantes avançados do judo e do aikido*. Relatório de Estágio Científico Avançado de Pós-Doutoramento em Sociologia, Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte) – Instituto Universitário de Lisboa.
- Thomas, R., Haumont, A., & Levet, J. (1987), *Sociologie du sport*, Paris, PUF.
- Turner, B. (1994), *Orientalism, postmodernism and globalism*, New York and London, Routledge.
- Wacquant, L. (2000), *Corps et âme : carnets ethnographiques d'un apprenti boxeur*, Paris, Agone.